

A NOÇÃO DO TERMO 'INFORMAÇÃO': REVISÃO DE LITERATURA

Jessica Câmara Siqueira

Universidade de São Paulo (USP)
Brasil

RESUMO

A revisão de literatura do termo 'informação', a partir de uma abordagem terminológica, tem o intuito de identificar traços que auxiliem na melhor delimitação do campo da Ciência da Informação. A compreensão das características identitárias da Ciência da Informação é uma necessidade conjuntural, observada no contexto da pós-modernidade em que a área busca 'consolidar-se'. O uso da orientação da Teoria Comunicativa da Terminologia, que considera o aspecto pragmático e social dos termos, foi importante recurso para evidenciar como as diferentes perspectivas do termo 'informação' corroboram a construção de uma visão temática da área da Ciência da Informação.

Palavras-Chave: Ciência da Informação; Informação; Teoria Comunicativa da Terminologia; Terminologia.

1 INTRODUÇÃO

Há diferentes abordagens para as origens da Ciência da Informação. Para Meadows (1999), por exemplo, a Ciência da Informação, assim como a Documentação, deve suas origens ao desenvolvimento científico do Século XX que teve seu surgimento muito ligado à ciência em seu sentido lato, considerada como uma decorrência da institucionalização das ciências. Para Le Coadic (2004), parte do contexto histórico pós Segunda Guerra, observando que a Ciência da Informação, no âmbito das Ciências Sociais, volta-se a um "problema social concreto", a recuperação da informação. O autor destaca a demanda social como elemento propulsor do caráter interdisciplinar da área. Ao lado dessas abordagens do problema, outras se desenvolveram, identificando diferentes origens do campo.

Enquanto na Europa, principalmente continental, houve a aceitação do termo Documentação, desencadeando a criação de centros de documentação, congressos, institutos e a formalização profissional de especialistas, a Inglaterra e os

Estados Unidos optaram por utilizar uma terminologia ligada à palavra informação, dando origem aos estudos da Ciência da Informação (ORTEGA, 2009a). Além disso, enquanto a Documentação se desenvolvia na Europa, nos EUA a Biblioteconomia desenvolveu-se enfatizando, de um lado, seu caráter especializado, influenciado pelo breve contato com a Documentação e, de outro, seu caráter generalista, a partir do qual a biblioteca era vista como uma instituição social organizada e definida segundo os parâmetros da Escola de Chicago (SIQUEIRA, 2010).

Além da Europa, a União Soviética também não acatou a expressão 'Ciência da Informação', criando o termo *Informatika*, conceito difundido pelos autores Chernyl, Gilyarevskii e Mikhailov (1973). O objetivo dessa disciplina era estudar a estrutura e as peculiaridades da informação científica, bem como as leis que regiam tal atividade, sua história, teoria, método e formas de organização. O ponto chave era o estudo da informação no contexto comunicativo de um sistema social voltado à mudança de estado do conhecimento, ideia que considerava a informação, como elemento potencial para a transformação de estados anômalos do conhecimento (RADAMÉS LINARES, 2005).

Os estudiosos russos destacaram-se pelo desenvolvimento de um sólido aparato conceitual. Realizaram tentativas de delimitação do objeto, de distinção dos tipos de documentos e de automatização da busca, o que os aproximou da Documentação. No entanto, o fim do regime socialista, o esgotamento do financiamento para pesquisas e a constatação da ambiguidade do termo "*informatika*" no Ocidente, acabaram por favorecer a substituição dessa designação pelo termo Ciência da Informação (RADAMÉS LINARES, 2005).

O desenvolvimento da Ciência da Informação, mesmo considerando os vários investimentos, não deixou de mostrar, em seu bojo, várias arestas, principalmente em relação à sua identidade, cuja delimitação tem sido marcada pela afirmação da interdisciplinaridade, por problemas de delimitação de seu objeto de estudo, supostamente enunciado como 'informação', termo que, junto com 'conhecimento' e 'comunicação' lhe dão referência, mas não são suficientes para circunscrever o campo. Além disso, como área que floresceu em meio às fragmentações e relativizações trazidas pelo contexto pós-moderno, é de se esperar que trouxesse mais indagações do que respostas (SIQUEIRA, 2010).

Atualmente, a discussão ainda não chegou a um consenso. Mesmo com a disseminação do termo Ciência da Informação, é notório observar que o campo não está totalmente 'delimitado', o que acarreta problemas em sua constituição como área de conhecimento. Por outro lado, o termo Documentação, que para alguns está rotulado como ultrapassado em comparação à 'polivalente' Ciência da Informação, tem como certo seu amplo emprego na Europa e ainda é considerada como área que dá alicerce aos estudos contemporâneos do tratamento da informação.

De forma geral pode-se dizer que a Ciência da Informação preocupa-se em esclarecer um "problema social concreto", o da informação, tendo como objetivo o estudo de suas propriedades (natureza, gênese e efeito) e a análise de seus processos de construção e uso no contexto do trabalho com a informação registrada. Para isso, há basicamente duas correntes: uma que ratifica o viés disciplinar, e outra que enxerga a área a partir de uma visão inter, multi ou transdisciplinar.

No âmbito deste artigo será considerada a segunda vertente. O que vale a pena ressaltar neste momento é o atributo da interdisciplinaridade que, embora não seja suficiente para caracterizar a área, mostra que a Ciência da Informação é menos presa às "amarras disciplinares" ao adotar uma perspectiva multifacetada e temática. Por outro lado, as fragmentações e a diversidade de olhares desse modelo dificultam o delineamento do campo. Nesse ponto, é salutar buscar identificar aspectos e elementos que contribuam para uma maior compreensão da área, a exemplo disso nos propomos a analisar a noção do termo 'informação', a fim de buscar uma melhor compreensão para o delineamento da área em questão.

A revisão de literatura tem o intuito de apresentar as principais noções do termo 'informação', bem como descortinar, a partir de diferentes perspectivas, como tal conceito é capaz de desvelar o caráter identitário da Ciência da Informação. Como metodologia para coleta das noções, foi utilizada a Teoria da Terminologia Contemporânea, no nível de coleta e análise de contextos, no âmbito deste artigo.

1.1 Breve Panorama Histórico e Etimológico

O termo 'informação', segundo Kornwachs e Konstantin (1996), tem origens gregas e latinas. Os termos gregos *eidos/Idea*, *morphé* e *typos*, usados na filosofia de Platão e Aristóteles, já traziam em seu bojo os conceitos-chave da ontologia e epistemologia grega, remetendo seu significado à 'modelo' e 'representação'. No entanto, as raízes etimológicas do termo são latinas, provenientes dos termos *informo* e *informatio*, que denotavam o ato de moldar a mente ou de comunicar conhecimento.

Na Idade Média, influenciado pela filosofia escolástica, o sentido dos termos *informatio* e *informo* ganharam outras nuances. Além da herança latina, incorporou-se ao significado dos termos um uso moral e pedagógico, referindo-se à formação ou modelagem da mente, do caráter, ou mesmo seu treinamento ou instrução (CAPURRO; HJORLAND, 2007). Todavia, com a Idade Moderna, o uso dos termos se transformou novamente, perdendo suas conotações ontológicas e adquirindo um significado predominantemente epistemológico, associando-se à noção de informação o conceito de representação, introduzindo o termo no contexto do conhecimento e da linguagem (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2002).

Um pensador do período moderno que trata indiretamente do termo informação é Descartes. Para ele, as ideias seriam formas de pensamento já que informavam ao cérebro sobre as coisas reais do mundo, funcionando assim como uma representação. Diferente da visão escolástica que enxergava o intelecto e a natureza como elementos em comunhão imediata, na visão racionalista e empirista moderna entre tais elementos haveria a 'ideia', o que acarretava uma inversão de significado do termo informação. Segundo Capurro e Hjørland (2007):

A informação, de acordo com a visão global moderna mais geral, mudou de um cosmo ordenado divinamente para um sistema governado pelo movimento de corpúsculos. Sob a tutela do empirismo, a informação gradualmente moveu-se da estrutura para a essência, da forma para a substância, da ordem intelectual para os impulsos sensoriais (CAPURRO; HJØRLAND, 2007, p.159).

No entanto, um dos momentos de maior impacto na história do termo foi na segunda metade do Século XX. O pós-guerra, a Teoria da Informação, Cibernética, a Teoria dos Sistemas, o nascimento da inteligência artificial, o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, além do surgimento de novas áreas do conhecimento foram fatores que redimensionaram o uso do termo 'informação'.

Antes restrito a uma denominação abstrata, ganhou nesse conturbado contexto um *status* de conceito interdisciplinar (ROBREDO, 2005).

Como o termo informação ganhou uma versatilidade no contexto pós-moderno, acabou sendo usado por uma diversidade de disciplinas científicas, o que dificultou uma delimitação categórica do termo. Como exemplos de diferentes acepções temos a 'naturalização' da informação, em que esta é considerada uma categoria antropológica referente ao fenômeno das relações entre as estruturas verticais e horizontais das mensagens humanas (KORNWACHS; KOSNTANTIN, 1996); ou mesmo a denotação do termo informação como "sinônimo de transmissão de sinais", conceito usado na Teoria Matemática da Comunicação, onde se excetua seus aspectos semânticos.

De forma genérica podemos dizer que dos anos 50 até final da Década de 60, houve uma tendência de se estudar o termo informação sob o viés das Ciências Duras, fato facilmente explicável pelo contexto histórico-social da época, marcado pela competição tecnológica bipolar entre EUA e URSS, desenvolvimento de novas tecnologias comunicacionais, bélicas e informacionais. A própria Ciência da Informação, que nasceu nesse período, teve 'padrinhos' profissionais das ciências Exatas como engenheiros, físicos e matemáticos.

Impulsionada originalmente pelas ideias da Engenharia de Comunicação, teorias cibernéticas e sistemas de transmissão de sinais, que desenvolveram as bases para a caracterização dos modelos e processos de recuperação da informação (*Information Retrieval*), a Ciência da Informação também tomou como base elementos da Biblioteconomia Especializada e da Documentação. A partir de 1960 a Ciência da Informação se difundiu para outras áreas do conhecimento, o que acabou lhe dando diferentes contornos a cada perspectiva adotada (SIQUEIRA, 2010).

González de Gómez (2002), por exemplo, destaca três principais linhas de estudo da Ciência da Informação a partir da Década de 1970: a linha das Ciências Cognitivas, da Linguística e das Ciências Sociais. Para a autora, a difusão da Ciência da Informação, principalmente no âmbito das Ciências Humanas, justifica-se pelo fato de várias disciplinas se consolidarem nesse período, e de certa forma influenciarem a "maneira de se enxergar" a informação nesses contextos. No âmbito

das Ciências Cognitivas, por exemplo, a autora destaca a Psicologia, que entende a noção de informação como um elemento da esfera da cognição a partir dos estudos de Belkin (1991). Na perspectiva linguística, a autora destaca a visão de informação segundo Blair (1992), considerada sob a ótica da linguagem como sinônimo de produção de sentido; ou ainda, no âmbito social a autora destaca a perspectiva de Capurro (2007), que considera a informação como produto das ações de comunidades e práticas sociais.

Após esse período, nota-se uma proliferação do uso do termo informação em diferentes domínios. Se por um lado tal utilização demonstra o caráter interdisciplinar e polivalente do termo, por outro, tal “diversidade de acepções” exige um uso perspicaz considerando o aspecto contextual na delimitação do conceito. No caso especial da Ciência da Informação, no interior do qual para alguns autores o termo ‘informação’ é o objeto do campo, a flutuação de significado é um fator que indica as dificuldades em se equacionar as oscilações e deslocamentos de sentido com a diversidade de usos na área.

A Ciência da Informação, fruto do contexto pós-moderno, é uma área que mesmo com considerável desenvolvimento e nítida aplicação em diferentes esferas do conhecimento, não está claramente consolidada. Diante desse cenário, tentaremos delinear traços de sua identidade a partir da revisão de literatura do termo ‘informação’, noção emblemática para a área. Para isso, dividiremos a revisão em quatro linhas idiomáticas, ou seja, noções de informação para autores anglo-saxões e eslavos; para autores francófonos; autores espanhóis e, por último, os nacionais.

2 A NOÇÃO DO TERMO ‘INFORMAÇÃO’

2.1 Autores Anglo-Saxões e Escandinavos

Uma das acepções clássicas do termo informação, no âmbito da Ciência da Informação é a de Buckland (1991). Ele distingue três significados para o termo: informação como processo, como conhecimento e como coisa. No primeiro caso destaca o ato de informar como um sinônimo de comunicar um conhecimento ou

algum fato. Já a informação como um “conhecimento comunicado”, seria aquilo capaz de reduzir incertezas e com isso gerar conhecimento. E a informação como coisa poderia ser atribuída a qualquer objeto, dado ou documento que tivesse a propriedade de comunicar algo, divulgar o conhecimento, “ser informativo”.

A partir de tais noções, Buckland (1991) aborda a questão do tangível e do intangível da informação. Enquanto a informação como conhecimento é totalmente intangível e imensurável, a informação como coisa, por ser tangível, permite a descrição e expressão da informação como conhecimento. Mesmo que a denominação genérica de ‘coisa’ traga em seu bojo diversas possibilidades de elementos que possam ser considerados informação, a enunciação de Buckland trouxe duas importantes discussões para área da Ciência da Informação: a indicação de uma natureza subjetiva do termo e principalmente a reintrodução do conceito de documento¹ no âmbito da Ciência da Informação por meio do conceito de informação como coisa.

Sob outro aspecto, Wersig e Windel (1985) consideram a realidade social nos estudos informacionais. Para eles, as práticas informacionais ocorrem entre um sujeito duplamente gerador e receptor da informação que utiliza um “equipamento prévio” que lhe capacita a “comunicação/ação”. A intermediação entre o campo da consciência e o campo da ação, é feita através da orientação e delimitação da atividade do sujeito, que por tais fatores atua de forma intencional e consciente. Assim, a informação funcionaria como um redutor de incerteza, ou seja, um elemento capaz de resolver uma situação-problema.

Contrários à vertente naturalista que enxerga o fenômeno informacional como natural o que acaba negando ou reduzindo a dimensão ativa e intencional do sujeito, Wersig e Windel (1985) ressaltam o papel das situações sociais de cooperação e conflito para se enxergar a informação. Nessa perspectiva, o fenômeno informacional seria reconstruído pelo sujeito cognitivo-social, o que daria à informação um *status* de algo aberto e inacabado sempre propício à reestruturação do sujeito do conhecimento. O único senão, apontado por Araújo (2002) nessa perspectiva, seria o fato de se desconsiderar as possibilidades de a informação também gerar incertezas, a exemplo da falta de compreensão do sujeito, ou mesmo sobrecarga informacional (ARAÚJO, 2002).

Liotard (1990), também numa tentativa de compreender o conceito de informação, compreende o termo sob duas abordagens: uma sistêmica e outra pós-moderna. Na primeira destaca a função da informação como garantia de estabilidade para um determinado sistema social, o que confere a ela um caráter essencialmente operacional. Na abordagem pós-moderna, Araújo (2002) compreende duas funções: uma como mediadora dos processos de apreensão da realidade e das relações sociais; e outra como um elemento que adquire característica de 'mercadoria', pois se torna indispensável para a força produtiva contemporânea.

Sobre a visão sistêmica, Araújo (2002) comenta que por ser essencialmente calcada na mensagem e influenciada pela Teoria Matemática de Shannon e Weaver (1947), tem como principal problema o fato de desconsiderar a influência do contexto social nas práticas informacionais, bem como o papel do sujeito como mencionado anteriormente. Além disso, com o advento da Teoria Crítica, a exemplo dos estudos de socialização da informação de Habermas, a ideia de informação assume uma dimensão política, econômica, cultural e histórica a partir do final da Década de 1920.

Quanto à visão pós-moderna, há outra interpretação da função da informação no âmbito contemporâneo. Para Lyotard (1990), o indivíduo não entra em contato direto com a informação a partir de sua práxis, mas pela informação que é veiculada pelos diferentes canais disponíveis a ele (comunicação eletrônica, comunicação de massa, base de dados, etc.). Desse modo, ao contrário da primeira acepção que considera a informação como algo que permite estabilidade ao sistema, nota-se na verdade um papel de mediação dos processos de apreensão do real a partir das relações sociais, algo de difícil mensuração e controle (ARAÚJO, 2002).

Sob outra perspectiva, Brier (1998, p.188) ressalta que para uma "definição frutífera" de informação devem ser considerados tanto seus aspectos objetivos como subjetivos. Assim, observa que a percepção e a interpretação das palavras força as escolhas que darão as oportunidades de ação e concepção de significado. Dessa forma, considera complementarmente o modelo de transmissão, onde "pacotes de informação" são enviados através de uma linguagem de um remetente para um

receptor, e o momento da interpretação do conceito, produto de um contexto histórico-social e que está, portanto, em constante desenvolvimento (BRIER, 1998).

McGarry (1999), a partir dos estudos da Teoria da Informação e da Comunicação, enuncia informação como algo que é capaz de alterar os mapas/estruturas mentais. Oposta à incerteza, a informação seria o elemento de que necessitamos quando nos deparamos com uma escolha, funcionando como uma “medida de liberdade” na seleção de mensagens. Para isso, a informação deve ser ordenada e estruturada para ser discriminável para o receptor a partir de alguma forma de veículo de transmissão, sinais, símbolos, ou signos.

As classes de veículos de transmissão mencionadas por McGarry (1999) enfatizam a função de modos necessários para o intercâmbio e transferência da informação que podem assumir diferentes formas, ressaltando assim o poder da linguagem no domínio informacional. Desse modo, mesmo retomando o valor da informação comunicada, observa-se que o autor destaca o papel da linguagem na compreensão do fenômeno informacional. Parte da caracterização da linguagem humana e seu papel na rede de relações, à relação linguagem/pensamento, entidades interdependentes que corroboram a compreensão dos conceitos de conhecimento e informação.

McGarry (1999) conclui, em seu capítulo *Sobre Conhecimento e Informação*, que é difícil distinguir esses dois termos, dizendo até que em alguns contextos podem ser intercambiáveis. Porém, na tentativa de explicitar uma síntese afirma que o conhecimento é algo mais teórico e generalizado, e a informação seria um “conhecimento potencial”. Assim, atribuímos significado ao identificar e relacionar classes de eventos, agrupando-as ou separando-as conforme suas similaridades e distinções, a partir de nossa capacidade de produzir, compartilhar e transmitir informações.

Capurroⁱⁱ (2007), fortemente embasado numa abordagem histórica, filosófica e epistemológica da Ciência da Informação, é um dos autores contemporâneos que mais se detém na compreensão do conceito de informação. Num artigo de 2007 com Hjørland, retoma o trabalho de Schrader (1983 *apud* CAPURRO; HJØRLAND, 2007) que pesquisou cerca de 700 definições do termo informação, no período entre 1900 a 1981, chegando à conclusão de que não há um consenso para a definição do

termo. A razão é facilmente justificável, já que seu teor interdisciplinar não respeita as fronteiras das disciplinas, variando de significado conforme a área de conhecimento, o que dificulta uma consolidação (CAPURRO; HJØRLAND, 2007).

Nesse mesmo artigo, os autores mostram as diferentes acepções do termo informação partindo da análise de suas raízes etimológicas, perpassando pelo seu uso moderno e pós-moderno, além de se deterem na análise do conceito nas áreas das ciências naturais, cognitivas, sociais e da informação. Em outro artigo, *Epistemologia e Ciência da Informação* de 2007, Capurro se dedica a pormenorizar a análise do termo informação, enxergando-o sob três paradigmas: o físico, o cognitivo e o social.

O paradigma físico da informação, no âmbito da Ciência da Informação, está intimamente ligado à Teoria da Informação de Shannon e Weaver (1949), à Cibernética de Wiener (1961) e coincide com o início da Ciência da Informação, muito associada à *Information Retrieval*. Segundo Capurro (2007) tal paradigma refere-se a um objeto físico que um emissor transmite a um receptor. Shannon, em sua teoria, designava o objeto como mensagem ou sinal, assumindo uma visão quantitativa de seleção de um repertório de símbolos físicos que poderiam ser reconhecidos pelo receptor.

O paradigma cognitivo por sua vez está relacionado à Ontologia e a Epistemologia de Popper (1973 *apud* CAPURRO; HJØRLAND, 2007) e aos estudos dos estados anômalos do conhecimento de Belkin (1980), Brookes (1980) e Ingwersen (1992), conforme apontam Capurro e Hjørland, (2007). Popper, ao discutir sob a perspectiva dos três mundosⁱⁱⁱ, destaca o terceiro como o responsável pelos conteúdos intelectuais, com o papel de 'representar' os objetos inteligíveis dos dois outros mundos, tendo assim uma proximidade com a ideia de signo peirceano (SKAGESTAD, 1993 *apud* CAPURRO; HJØRLAND, 2007). Por outro lado, a teoria do estado anômalo do conhecimento pressupõe que a busca por informação se origine de uma necessidade de um indivíduo em solucionar um problema, ou seja, resolver uma anomalia em seu estado de conhecimento. Nesse viés, Brookes (1980) ressalta o papel da informação como um elemento que provoca transformação nas estruturas mentais do sujeito cognoscente, tomada como uma prática social que envolve ações de atribuição e comunicação de sentido.

O paradigma social, que Capurro (2007) defende, é influenciado pela Hermenêutica de Heidegger (1973), e a proposta dos Jogos de Linguagem de Wittgenstein (1958), ambos os críticos da separação entre o sujeito cognoscente encapsulado e o mundo exterior. Diferente do paradigma cognitivo, voltado isoladamente ao sujeito num contexto ideal, o paradigma social considera os processos sociais de produção, distribuição e intercâmbio de informação no meio social. O paradigma social está diretamente relacionado às comunidades discursivas, resultando numa dedicação efetiva às relações entre os discursos, áreas de conhecimento, documentos e as distintas comunidades de usuários.

Hjørland (2007), que também defende uma perspectiva subjetiva da informação, em seu artigo *Information: objective or subjective/situational?* traz primeiramente a visão objetiva, defendida por Parker, Dretske Stonier, e Bates, e depois contrapõe com a subjetiva, defendida por Bateson, Yovits, Spang-Hanssen, Brier, Buckland, Goguen, e ele mesmo. Na primeira ressalta a definição de Bates (2006 *apud* HJØRLAND, 2007), que encara a informação como um padrão de organização da matéria e da energia, enquanto no aspecto subjetivo/situacional, a informação desempenha diferentes papéis, já que está atrelada às organizações sociais e a diversidade de contextos. Enquanto o primeiro aspecto procura mapear os valores da informação numa perspectiva objetiva, o segundo deve considerar as relações entre o objeto informativo, as estruturas informacionais, a linguagem das comunidades discursivas e o contexto, para daí esboçar um valor informativo.

A seleção do que é informativo não é algo simples de ser mensurado, pois há problemas de consenso de critérios e paradigmas entre domínios e áreas diversas. Mesmo assim, há autores que preferem considerar as possibilidades de se informar, a informatividade, ao invés de deterem-se ao termo informação. Nesse caso, destaca-se o aspecto pragmático, considerando os processos de recepção da informação em situações de uso. Frohmann (2004), por exemplo, preferia usar o termo informatividade, ressaltando seu valor potencialmente adquirido em determinado contexto discursivo. O termo informatividade, de origens na Linguística Textual, assume um significado semelhante ao de intertextualidade no âmbito da Ciência da Informação, ressaltando o fato de que a compreensão de um texto é dependente do conhecimento de outros textos (ORTEGA; LARA, 2010).

Apresenta-se a síntese (Quadro 1) das principais noções do termo informação para os autores anglo-saxões e eslavos.

Quadro 1: Síntese dos Autores Anglo-Saxões e Escandinavos para o Termo Informação.

Autores Anglo-Saxões e Escandinavos	Ano	Síntese do Conceito de Informação
Wersig e Windel	1985	Informação como um redutor de incerteza, elemento capaz de resolver uma situação-problema.
Lyotard	1990	Visão sistêmica-informação como garantia de estabilidade do sistema. Visão pós-moderna- informação mediadora dos processos de apreensão das relações sociais ou como valor de 'mercadoria', base para a força produtiva.
Buckland	1991	Informação como processo (comunicar algo); Informação como conhecimento (reduzir incertezas e gerar conhecimento); Informação como coisa (propriedade de comunicar algo e ser informativo).
Brier	1998	Os "pacotes de informação" são enviados através de uma linguagem de um remetente para um receptor, e o momento da interpretação do conceito é produto de um contexto histórico-social em desenvolvimento.
McGarry	1999	Informação como algo que é capaz de alterar os mapas/estruturas mentais (Informação tomada como conhecimento potencial).
Frohmann	2004	No lugar de informação fala de informatividade (valor potencialmente adquirido em determinado contexto discursivo).
Capurro/ Hjørland	2007	Paradigma físico - informação como um objeto físico que um emissor transmite a um receptor. Paradigma cognitivo - informação como elemento que provoca transformação nas estruturas mentais do sujeito cognoscente. Paradigma social - considera os processos de produção, distribuição e intercâmbio de informação no meio social.
Hjørland	2007	Considera o aspecto objetivo da informação (como padrão de organização da matéria e da energia) e o aspecto subjetivo (com valor informativo, fruto da análise das relações entre o objeto informativo, as estruturas informacionais, a linguagem das comunidades discursivas e o contexto).

2.2 Autores Francófonos

Um autor que traz outras perspectivas para falar do termo informação, associando-o ao termo documento, é Michel (2000). Para isso inicialmente retoma a definição de informação numa imagem puramente subjetiva, alguma coisa que em um determinado contexto e a partir de determinado olhar 'significa'. Num segundo momento fala da materialização desse olhar subjetivo através do documento

(fisicamente real e/ou eletrônico-virtual), que teria a função de ‘congelar’ a informação para que pudesse ser ‘trocada’. E por último, associando-a a demanda profissional, afirma que atualmente somos levados a falar de informação-documentação (I&D), expressão que teria o mérito de mostrar os dois lados de um mesmo conceito: em uma face o conteúdo, o sentido e a inteligência (informação) e do outro aquilo que comunica, transfere, e é obtido através de um suporte (documento).

Outra vertente de pensamento, mais associada à linha anglo-saxônica é a de Frochot (2003), que sintetiza duas definições para a informação: uma de caráter objetivo e outra subjetiva. Na primeira, se ressalta a acepção anglo-saxônica, onde o termo é considerado uma entidade genérica da qual podem ser extraídas pequenas partes ou um conjunto de dados específicos que tenham um significado especial a um determinado indivíduo. Já na visão subjetiva, tudo teoricamente poderia ser considerado informação, já que o que confere a algo tal ‘poder’ é o indivíduo. Portanto, nessa concepção o objeto em si não é considerado informação até que um sujeito o enxergue como tal, perspectiva que pode gerar dubiedades em relação ao ‘valor’ da informação.

Além de falar das principais propriedades da informação Frochot (2003) também discute sua relação com o documento. Seria deveras simplista, segundo o autor, responder apenas que o documento é onde estão gravadas as informações. No entanto essa abordagem objetiva nos permite identificar duas pistas para este ‘enigma’: a relação entre documento e informação e o fato do documento ser um suporte de informação. O documento funciona como um ‘apoio’ à informação, podendo ser tomado tanto considerando sua ‘naturalidade’ como um registro de informação (a exemplo do livro), ou enxergando seu valor atribuído, a exemplo de um objeto banal como um bilhete que adquire importância testemunhal. Por outro lado, a informação, em si mesma, tem um interesse limitado e, estruturada em um registro, ganha maior potencialidade, servindo como um “trampolim para o conhecimento”, pois ajuda a estabelecer, reconstruir e, até, enriquecer o saber (FROCHOT 2003).

Le Coadic (2004), em sua difundida obra *Ciência da Informação*, antes de enunciar sua concepção de informação, retoma as origens físicas, relacionadas à

Teoria do Sinal, segundo a qual a informação funciona como uma medida de organização de um sistema, e as concepções relacionadas à cognição e comunicação humana, acepções distintas assumidas pelo termo que lhe conferem uma feição de “noção camaleônica”. Contudo, na tentativa de demonstrar maior clareza no sentido do termo, o autor distingue informação de dado, conhecimento e comunicação, termos que, segundo ele, são facilmente confundidos com informação.

No caso do termo ‘dado’, podemos facilmente associá-lo ao domínio da Informática, já que significa “[...] uma representação convencional, codificada, de uma informação em uma forma que permita submetê-la a processamento eletrônico” (LE COADIC, 2004, p.8). Já o termo ‘conhecimento’, é o ato pelo qual apreendemos um objeto, ou seja, a capacidade de formar alguma ideia ou saber relacionado à informação. Quando constatamos um estado anômalo, ao obtermos a informação poderíamos “corrigir tal anomalia”, o que resultaria um “novo estado” de conhecimento. E quanto à ‘comunicação’, o autor ressalta o equívoco de utilizar o conceito de informação no processo da comunicação humana, dizendo que a comunicação na verdade é um processo intermediário que permite a troca de informações entre as pessoas, ou seja, enquanto a comunicação é um ato, processo e mecanismo, a informação é um produto, substância e matéria (LE COADIC, 2004, p.11).

A partir de tais reflexões, Le Coadic (2004) define sinteticamente informação como um conhecimento inscrito em um suporte. Tal inscrição é feita por meio de um sistema de signos, em que o signo, elemento básico da linguagem, associa um significante a um significado, conferindo à informação, portanto, um elemento de sentido. Tal sentido por sua vez, é transmitido para um ser ‘consciente’.

Quadro 2: Síntese dos Autores Francófonos para o Termo Informação.

Autores Francófonos	Ano	Síntese dos Conceitos de Informação
Michel	2000	Expressão Informação-documento (dois lados de um mesmo conceito): Em uma face o conteúdo, o sentido e a inteligência (informação) e do outro aquilo que comunica, transfere, e é obtido através de um suporte (documento).
Frochot	2003	Visão objetiva - Conjunto de dados específicos que tenham um significado especial a um determinado indivíduo.

		Visão Subjetiva - Qualquer objeto em que um sujeito 'enxergue' seu valor informativo. Relação documento/informação (valor real X valor atribuído)
Le Coadic	2004	Informação como um conhecimento inscrito em um suporte.

2.3 Autores Espanhóis

Currás (1986) retoma as origens do termo informação, relacionando-as a “dar forma a algo” para ratificar sua visão sobre o termo. Para ela, a informação seria um elemento vital de nossas vidas que poderia se manifestar basicamente de dois modos: como fenômeno, ou seja, aquilo que é produzido ao nosso redor independentemente de nós, e que captamos de forma consciente ou inconsciente; ou um processo, elaborado por nós utilizando, por exemplo, os documentos para sua representação. A autora salienta que diferentemente da escola anglo-saxão em que a informação representa o ‘todo’ e a Documentação fica responsável pela ‘parte’ que prepara os documentos para obterem os dados convertidos em informação, na escola européia, principalmente espanhola e francesa, o documento é o ‘todo’ e a informação é que representa a ‘parte’.

Lund (2009) destaca outro autor que retoma estudos mais remotos do termo, Martinez Comeche (2000) que, ao resgatar Stonier, fala da entropia negativa da informação, ou seja, sua capacidade quase ilimitada de organizar um sistema, permitindo a estruturação e a consolidação de um conhecimento na memória. Ressalta a relação da informação com a Comunicação, dizendo que a ideia do que é informativo está relacionada aos conhecimentos prévios de um receptor, ou seja, a ‘natureza’ da informação é transitória, já que só assume seu valor em contato com o indivíduo que a significa em seu contexto.

Imersos num contexto de rápida mudança tecnológica, conjuntural e paradigmática, conceitos como documento e informação, não são nem estáveis nem estáticos. Segundo Pérez Torero (2000) tanto a informação como o documento transformaram-se em elementos simultâneos e transversais de uma realidade cada vez mais dinâmica. Para ele, tal fenômeno é perceptível nas relações estabelecidas entre informação, documento e linguagem. Os conteúdos documentais, por exemplo, interagem com os diferentes sistemas de signos estabelecendo relações sincréticas e simultâneas, podendo também podem estabelecer relações hierárquicas entre

eles. Contudo, geralmente também são marcados por instabilidade e variabilidade, pois o conteúdo do documento, a informação, derivaria da conjunção e da complementaridade de diversos tipos de signos.

Moreiro González (2005), ao falar de informação, retoma a importância da intervenção da tecnologia nos processos informativos, já que para ele a ideia de se informar está associada à combinação de um esforço mental com um processamento tecnológico. Da evolução da escrita à imprensa, depois as posteriores tecnologias e canais empregados na representação material das informações, muitos fatores que influenciaram a própria concepção documental, hoje são revistos sob a ótica digital. A ideia de suporte antes associada ao documento, ganha outra perspectiva no contexto digital caracterizado pelo acesso irrestrito, facilidade de manejo e atualização de documento, recuperação interativa da informação e a possibilidade de entrelaçamento interno e externo dos documentos eletrônicos por utilizarem as estruturas lógicas hipertextuais.

Mesmo com tantas vantagens, Moreiro González (2005) aponta como problemas a progressiva e ilimitada quantidade de documentos e o consequente entrave de recuperação seletiva; a redução da vida informativa média das mensagens, resultado da volátil dinâmica de interatividade comunicacional; a dispersão de publicações sobre temas específicos; o crescimento de documentos auto-editados, gerando mais problemas na indexação e recuperação de conteúdos. Ainda com a nítida proximidade entre os termos documento e informação, Moreiro González destaca que a finalidade dos documentos seria comunicar a informação, ou seja, o processo documentário só se completaria quando a mensagem fosse efetivamente disponibilizada, sendo que tal ação só se concretizaria por completo quando adquirisse significado pela comunicação interpessoal. Tal afirmação denota sua visão voltada à informação e comunicação como conceitos em contínuo diálogo.

Já García Gutiérrez (2002), acredita que a ideia de uma informação registrada seria um paradoxo, já que para ele informação é sinônimo de fluxo, logo, não poderia estar 'contida' e fixada em um suporte. Influenciado pela Teoria da Recepção e estudos da vertente cognitiva, García Gutiérrez (2002) afirma que a informação é um processo que corrobora a construção de nosso conhecimento, pois como elemento metacognitivo modifica nossas estruturas mentais:

Así la información airea el conocimiento (el registrado y el viviente) en un proceso de oxigenación pública (y de limpieza dialéctica) del exoterico organizado al interaccionar (para su enriquecimiento mutuo) con el individual endoterico (el conocimiento vivo). Por tanto, la información (que no es el oxígeno sino la oxigenación) no es confinable, ni archivable, ni registrable (GARCÍA GUTIÉRREZ, 2002, p.58).

Considerando, portanto, a informação como um *continuum*, García Gutiérrez (2002) usa a metáfora de um “espiral ilimitada” para falar de outro aspecto desse ‘fluxo’, seu poder de influenciar e ser influenciado pelo sujeito, ou seja, a informação seria um micro universo que nos manipula, mas que nós também manipulamos, o que lhe conferiria um caráter dinâmico, fruto de uma relação intersubjetiva.

Quadro 3: Síntese dos Autores Espanhóis para o Termo informação.

Autores Espanhóis	Ano	Síntese dos Conceitos
Currás	1986	Informação como fenômeno; Informação como processo; (o documento é o todo e a informação é que representa a parte).
Martinez Comeche	2000	A ideia do que é informativo está relacionada aos conhecimentos prévios de um receptor.
Pérez Torero	2000	Relação documento/informação. Informação como conteúdo do documento, derivada da conjunção e da complementaridade de diversos tipos de signos.
Moreiro González	2005	A ideia de se informar está associada à combinação de um esforço mental com um processamento tecnológico. Relação documento/informação (finalidade dos documentos: comunicar a informação).
García Gutierrez	2002	A informação é um processo que corrobora a construção de nosso conhecimento, pois como elemento metacognitivo modifica nossas estruturas mentais.

2.4 Autores Nacionais

Considerando a polissemia e a diversidade de uso do termo informação no contexto atual, fica difícil delimitar um grupo de autores para representar tal noção no Brasil. Todavia, fazendo o recorte temporal de aproximadamente uma década, e buscando autores preocupados em entender tal conceito à luz da Ciência da Informação, foram selecionadas três categorias de definições: uma de aspecto mais generalista, outra essencialmente fundamentada na relação conhecimento e informação, e a última mais voltada ao aspecto pragmático da noção do termo.

Numa visão mais abrangente do termo, temos González de Gómez (2002) que assim como Capurro e Hjørland (2007), apresenta uma revisão de literatura do termo, ressaltando três principais linhas de estudo: a cognitiva, que relaciona informação e conhecimento; a textual, que encara a informação como linguagem e produção de sentido; e a social, que considera a informação como um artefato cultural produto das práticas sociais de uma comunidade. Assim, para autora, mesmo com a “flutuação de significado” do termo informação, decorrente das dificuldades de constituição da área da Ciência da Informação, considera a noção contemporânea do termo associada ao conceito de representação^{iv}. Tal noção traz em seu bojo a capacidade de introduzir a informação na esfera do humano tanto num contexto do conhecimento como no da linguagem.

Na definição que aproxima informação e conhecimento destacamos dois autores, Miranda (2003) e Barreto (2002). O primeiro lembra o valor da informação como matéria-prima de todas as áreas do conhecimento, ressaltando que para a Ciência da Informação privilegia-se a visão de informação como conhecimento registrado, relacionando assim a noção de documento na concepção *popperiana*^v. Barreto (2002) por sua vez, considera a informação como sendo uma estrutura simbolicamente significativa que tem a competência de gerar o conhecimento no indivíduo, atuando assim como um instrumento modificador da consciência humana, “[...] sintonizando o homem com a memória de seu passado e com as perspectivas de seu futuro” (BARRETO, 2002, p.49).

Tálamo e Smit (2007) ressaltam que a noção de informação não deve ser encarada apenas como ideia intangível, sinônimo de conhecimento, mas ser visualizada sob o aspecto do tangível, ou seja, considerando seu papel em representar diferentes formatos de organização do conhecimento. Assim temos:

[...] a informação não se apresenta como objeto, mas como um ponto de vista adotado para analisar os processos e objetos do mundo [...] Neste quadro o objeto da Ciência da Informação não é mais o intangível – o conhecimento - não é mais o suporte ou o local, mas algo tangível – a informação representada em diferentes formatos de organização (TÁLAMO; SMIT, 2007, p.23).

Dessa forma, o conhecimento seria uma elaboração cognitiva individual, mas para ser assimilado precisaria de uma representação, que permitiria o acesso, uso e sua socialização, a informação (ORTEGA, 2009b). Tálamo (2005 *apud*

ORTEGA, 2009b) sintetiza tal distinção entre conhecimento e informação dizendo que a informação seria o fluxo e o conhecimento o estoque. Enquanto o estoque seria passivo, o fluxo teria o papel de ativá-lo por meio dos variados produtos informacionais.

Nessa perspectiva mais pragmática encontramos também outros autores. Silva (2002), por exemplo, considera a informação como o conjunto estruturado de representações codificadas, que podem ser socialmente contextualizadas, ou seja, permitem o registro em qualquer suporte material, podendo assim ser comunicadas e difundidas no tempo e espaço. Robredo (2005, p.8) toma a informação como uma “energia de realidade própria” associada a um sistema de organização, estando assim suscetível de ser registrada, codificada, duplicada, reproduzida, armazenada, conservada, medida, qualificada, organizada, processada, recuperada e transmitida em diferentes níveis.

Araújo (2002) retoma a perspectiva que associa a informação com o conhecimento, mas acrescenta à sua definição aspectos das práticas informacionais. Primeiramente afirma que o conceito de informação teria dois sentidos complementares: um como processo de atribuição de sentido e outro como processo de representação. O primeiro, em termos de práticas informacionais, estaria relacionado às ações de recepção/seleção das informações recebidas; enquanto o segundo, relacionado às ações de codificação, emissão, decodificação/uso da informação, estaria voltado à geração e transferência da informação. Como noções complementares a informação poderia ser encarada como uma prática social que envolve ações de atribuição e comunicação de sentido.

Outro trabalho interessante de se destacar é o *Conceito de informação na Ciência da Informação* de Araújo (2010). A partir do trabalho de Capurro, que realizou uma densa revisão de literatura sobre o termo, Araújo verifica em seu artigo como os paradigmas de Capurro se manifestam nas subáreas da Ciência da Informação denominadas nos Grupos de Trabalho da Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ANCIB). É interessante observar que mesmo apresentando as nuances de cada paradigma – a dimensão material do aspecto físico; a clássica medida de alteração do estado anômalo do conhecimento do aspecto cognitivo; e a noção de informação como um elemento construído

contextualmente a partir de relações interpessoais, no caso do aspecto social – associados aos grupos temáticos^{vi}, nota-se uma complementaridade entre os aspectos, o que evidencia para o autor que para a compreensão do conceito seria necessário enxergar os paradigmas inter-relacionados.

Quadro 4: Síntese dos Autores Brasileiros para o Termo Informação.

Autores Brasileiros	Ano	Definição
González de Gómez	2002	Revisão histórica (aspecto cognitivo, textual, social); Informação como sinônimo de representação.
Barreto	2002	Estrutura simbolicamente significativa que tem a competência de gerar o conhecimento no indivíduo.
Silva	2002	Informação como o conjunto estruturado de representações codificadas, que podem ser socialmente contextualizadas.
Araújo	2002	O conceito de informação teria dois sentidos complementares: um como processo de atribuição de sentido e outro como processo de representação.
Miranda	2003	Conhecimento registrado, relacionado assim a noção de documento na concepção <i>popperiana</i> .
Robredo	2005	Energia de realidade própria associada a um sistema de organização.
Tálamo	2005	Informação é fluxo, que tem o papel de ativar o estoque (conhecimento).
Smit; Tálamo	2007	Sob o aspecto do tangível, deve ser considerado seu papel em representar diferentes formatos de organização do conhecimento.
Araújo	2010	Informação resultado da inter-relação dos aspectos físicos, cognitivos e sociais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além de considerar a conjuntura contemporânea da Ciência da Informação, influenciada pelas fragmentações e relativizações da pós-modernidade, também devemos considerar que, ao observarmos as noções do termo ‘informação’, percebemos outras nuances sobre a própria área. Uma delas, e talvez a mais evidente, seja a diversidade de olhares sob um mesmo objeto. As definições do termo ‘informação’ revelam não apenas uma diversidade de perspectivas, mas principalmente, uma complementaridade e um diálogo entre estas noções, o que evidencia uma visão cada vez mais voltada a temas e problemas científicos, e não mais a objetos delimitados e isolados de um contexto.

Diferente do modelo de ciência moderno, em que se escolhe o conceito mais pertinente para determinada situação, a perspectiva pós-moderna, nos traz a

oportunidade de enxergarmos um mesmo objeto sob diferentes ângulos, considerando para isso não só o seu posicionamento em determinado lugar, mas principalmente o papel que um elemento desempenha em determinado contexto.

Assim, ao olharmos as diferentes noções do termo 'informação' e suas possíveis inter-relações, podemos compreender como a área está mudando e ainda um vasto campo a ser descoberto e enxergado.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, C. A. A. O conceito de informação na Ciência da Informação. **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v.20, n.3, p.95-105, set./dez., 2010.

ARAÚJO, E. A. O fenômeno informacional na ciência da informação: abordagem teórico-conceitual. In: CASTRO, C. A. (Org.). **Ciência da Informação e Biblioteconomia múltiplos discursos**. São Luis: EDUFMA, 2002.

BARRETO, A. A. Transferência da informação para o conhecimento. In: AQUINO, M. A.(Org.). **O campo da Ciência da Informação**: gênese, conexões e especificidades. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2002. p.49-60

BRIER, S. Cybersemiotics: a transdisciplinary framework for information studies. **Biosystems**, v.46, n.1-2, p.188, Apr. 1998.

BUCKLAND, M. K. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science (JASIS)**, v.45, n.5, p.351-360, 1991.

CAPURRO, R. Epistemología y ciencia de la información. **Enl@ce**: Revista Venezolana de Información, Tecnología y Conocimiento, v.4, n.1, p.11-29, jan./abr., 2007.

CAPURRO, R.; HJØRLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.12, n.1, 2007. Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/pcionline/>>. Acesso em: 10 maio 2010.

CURRÁS, E. **La información en sus aspectos: Ciencias de la Documentación**. Madrid: Paraninfo, 1986.

FROCHOT, D. **Définition de l'information**: Les infostratèges. Paris, 2003. Disponível em: <<http://www.les-infostrateges.com>>. Acesso em 13 jun. 2010.

FROHMANN, B. Revisiting 'what is a document'. **Journal of Documentation**, v.66, n.2, p.291-303, 2004. Disponível em: <http://www.fims.uwo.ca/people/faculty/frohmann/Documents/Revisiting_JDOC.pdf>. Acesso em: 15 maio 2010.

GARCÍA GUTIÉRREZ, A. **La memoria subrogada**: mediación, cultura y conciencia en la red digital. Granada: Universidad de Granada, 2002.

GONZÁLEZ de GOMEZ, M. N. Dos estudos sociais da informação aos estudos do social desde o ponto de vista da informação. In: O CAMPO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: gênese, conexões e especificidades. João Pessoa: Editora Universitária, 2002.

HJØRLAND, B. Information: Objective or subjective/situational? **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v.10, n.58, p.1448–1456, 2007.

KORNWACHS, K.; KOSNTANTIN, J. (Eds.). **Information**: New questions to a multidisciplinary concept. Berlin: Akademie, 1996.

LE COADIC, Y. F. A Ciência da Informação. São Paulo: Briquet Lemos, 2004.

LUND, N. W. Document theory. **Annual Review of Information Science and Technology**, Medford, v.43, p.399-432, 2009.

LYOTARD, J. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

MARTINEZ-COMECHÉ, J. A. The nature and qualities of document in archives, libraries and information centres and museums. **Journal of Spanish Research on Information Science**, v.1, n.1, p.5-10, 2000.

MATHEUS, R. F. Rafael Capurro e a filosofia da informação: abordagens, conceitos e metodologias de pesquisa para a Ciência da Informação. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.10 n.2, p.140-165, jul./dez. 2005.

MCGARRY, K. **O contexto dinâmico da informação**: uma análise introdutória. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MEADOWS, A. J. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet Lemos, 1999.

MICHEL, J. L'information et documentation : Un domaine d'activité professionnelle en mutation. LCN - Les Métiers du Numérique. **Hermès**, v.1, n.3, p. 47-64, 2000.

MIRANDA, A. A conceituação de massa documental e o ciclo de interação entre tecnologia e o registro do conhecimento. In: SIMEÃO, E. (Org.). **Ciência da Informação**: teoria e metodologia de uma área em expansão. Brasília:Thesaurus, 2003.

MOREIRO GONZÁLEZ, J. A. **Conceptos introductorios al estudio de la información documental**. Salvador: EDUFBA/Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú, 2005.

ORTEGA, C. D. Relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. **DatagramaZero**, Rio de Janeiro, v.5, n.5, out. 2004. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/out04/Art_03.htm>. Acesso em 10 mar. 2010.

ORTEGA, C. D. Surgimento e consolidação da Documentação: subsídios para compreensão da história da Ciência da Informação no Brasil. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.14, número especial, p.59-79, 2009a.

ORTEGA, C. D. Os registros de informação dos sistemas documentários: uma discussão no âmbito da Representação Descritiva. São Paulo. São Paulo: USP, 2009b. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo (ECA/USP).

ORTEGA, C. D. A documentação como uma das origens da ciência da informação e base fértil para sua fundamentação. **BJIS**, Marília (SP), v.3, n.1, p.3-35, jan./jun. 2009c. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/bjis>>. Acesso em 26 jul. 2010.

ORTEGA, C. D.; LARA, M. L. G. A noção de documento: de Otlet aos dias de hoje. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v.11, n.2, abr., 2010.

PÉREZ TORNERO, J. M. **Los nuevos procesos de mediación: del texto al hipermedia**, en comunicación y educación en la sociedad de la información. Barcelona: Paidós, 2000.

RADAMÉS LINARES, C. **Ciencia de la Información: su historia y epistemología**. Bogotá, Colombia: Editorial Rojas Eberhard, 2005.

ROBREDO, J. **Documentação de hoje e de amanhã: uma abordagem revisitada e contemporânea da ciência da informação e de suas aplicações biblioteconômicas, documentárias, arquivísticas e museológicas**. 4.ed. Brasília: Edição do Autor, 2005.

SHANNON, C. E.; WEAVER, W. **The mathematical theory of communication**. Urbana: University of Illinois Press, 1949.

SILVA, A. M.; Arquivística, Biblioteconomia e Museologia: do empirismo patrimonialista ao paradigma emergente da CI. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS, BIBLIOTECAS, CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO E MUSEUS (INTEGRAR), 1. São Paulo: FEBAB, 2002. p.573-607

SIQUEIRA, J. C. Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação: história, sociedade, tecnologia e pós-modernidade. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.15, n.3, p.52-66, set./dez., 2010.

TÁLAMO, M. F. G. M. **A pesquisa: recepção da informação e produção do conhecimento**. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v.5, n.2, abr., 2005.

TÁLAMO, M. de F. G. M.; SMIT, J. W. Ciência da informação: transgressão metodológica. In: PINTO, V. B.; CAVALCANTE, L. E.; SILVA NETO, C. **Ciência da Informação**: abordagens transdisciplinares, gêneses e aplicações. Fortaleza: Editora UFC, 2007. p.23-47

WERSIG, G.; WINDEL, G. Information science needs a theory of information actions. **Social Science Information Studies**, v.5, n.1, p.11-23, 1985.

Notas

-
- ⁱ As obras clássicas da Documentação, hoje revisitadas à luz da Ciência da Informação, foram praticamente ignoradas no âmbito anglo-saxão, até os trabalhos de Buckland e Rayward, que trouxeram à tona as obras de Otlet. No entanto, até hoje o clássico do autor, *Traité de Documentation* (1934) ainda não foi traduzido para o inglês (ORTEGA, 2004).
- ⁱⁱ Rafael Capurro teve uma formação híbrida. De nacionalidade uruguaia (Montevideu, 1945), graduou-se em Filosofia na Argentina (Buenos Aires, 1970), fez doutorado (Frankfurt, 1978) e pós-doutorado (Düsseldorf, 1989) na Alemanha, onde desde então reside e é professor. No âmbito deste trabalho, como grande parte de seus artigos foram publicados em alemão ou inglês, optou-se por colocá-lo entre os autores anglo-saxões com esta pequena ressalva de suas origens (MATHEUS, 2005, p.143).
- ⁱⁱⁱ Popper (1973), numa perspectiva ontológica, divide o mundo em três partes: o primeiro mundo, formado de objetos ou estados físicos; o segundo constituído de estados psíquicos e da consciência; e o terceiro, formado por elementos inteligíveis que representam um conteúdo de informação. O autor nesse caso usa as palavras conhecimento e informação como termos intercambiáveis (CAPURRO; HJØRLAND, 2007, p.190).
- ^{iv} “O conceito de representação remete a algo (representado) que tem um modo de ser que lhe é próprio, mas que, não sendo acessível no modo de presença, por estar ausente aqui e agora, se re-apresenta, num modo diferente de manifestação (a representação)” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2002, p.27).
- ^v A Teoria do Conhecimento Objetivo de Karl Popper é dividida em três mundos: o mundo 1 constituído pelos conhecimentos relacionados ao mundo físico (“o mundo dos estados materiais”); o mundo 2 compreende os conhecimentos relativos ao mundo metafísico (estados mentais e da subjetividade); e mundo 3, é do conhecimento objetivo (“o mundo dos inteligíveis”) Assim, e os mundos 1 e 2 problematizam os fenômenos físicos e metafísicos ou, o mundo 3 tem a ver com o conhecimento registrado, com as suas teorias, proposições e demais entidades linguísticas que entram na codificação e registro do conhecimento (POPPER, 1975 *apud* MIRANDA, 2003).
- ^{vi} Os grupos temáticos da ANCIB são: GT1 - Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação; GT2 - Organização e Representação do Conhecimento; GT3 - Mediação, Circulação e Apropriação da Informação; GT4 - Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações; GT5 - Política e Economia da Informação; GT6 - Informação, Educação e Trabalho; GT7 - Produção e Comunicação da Informação em C&T; GT8 - Informação e Tecnologia; GT9 - Museu, Patrimônio e Informação; e GT10 - Informação e Memória. No caso do artigo de Araújo, foram excluídos da análise os grupos GT1, GT6, GT8, GT9 e GT10 (ARAÚJO, 2010).

Jéssica Câmara Siqueira
São Paulo University
Brazil

E-Mail: jessica.camara@yahoo.com.br